

Recensões

reaparecimento do v. 441, que se encontrava suprimido na versão anterior. No intuito de facultar o texto a um público não especializado, a A. optou, no entanto, por não incluir notas de crítica textual nem assinalar com as habituais *cruces*, os versos mais controversos.

Como já vai sendo prática corrente entre os tradutores das antigas peças gregas, também foram inseridas, pontualmente, notas didascálicas, deduzidas do texto da peça, e que visam informar sobre os parques expedientes cénicos, utilizados pelo austero teatro grego.

Por fim, a completar esta reedição, a A. acrescentou as esperadas notas explicativas, sucintas mas muito oportunas, e uma bibliografia criteriosamente seleccionada e actualizada.

Vale sempre a pena ler ou reler a *Ifigénia em Áulide*, de Eurípides.

MARIA FERNANDA BRASETE

Teofrasto, *Os Caracteres*. Introdução, Tradução e Notas de Maria Fátima Silva. Lisboa, Relógio D'Água, «Humanitas—Autores Gregos e Latinos», 1999 . [ISBN 972-708-531-8]

É sempre de saudar, nos nossos dias, o aparecimento de novas colecções que apostem na divulgação dos textos dos autores greco-latinos, onde, como se sabe, se encontram as verdadeiras raízes da literatura ocidental. É graças ao meritório e, comercialmente, arriscado esforço que a editora Relógio d'Água está a fazer para aproximar o leitor português dos clássicos greco-latinos, que vê agora a luz esta publicação de uma versão portuguesa d' *Os Caracteres* de Teofrasto (c. 370 a.C.— 288 a.C.).

Adoptando um esquema já canónico, o livro consta de uma *Introdução*, uma *Bibliografia*, uma *Tradução* portuguesa e, para terminar, numerosas *Notas* explicativas do texto.

Na *Introdução*, a A. começa por uma breve mas precisa apresentação daquele que foi discípulo de Aristóteles, de quem terá recebido a própria alcunha de Teofrasto (que significa «aquele que tem dons divinos no uso da palavra»), e mestre do poeta mais emblemático da Comédia Nova, Menandro. Depois segue-se uma reflexão cuidada e bem articulada sobre a controvérsia que rodeia a natureza ímpar destes fragmentos, cuja leitura resulta difícil, tanto devido a problemas de fixação do texto como relativamente à organização dos trinta retratos de tipos humanos que o compõem. Tendo em conta o contexto intelectual, sociopolítico e cultural em que esta obra foi produzida, a A. procura frisar as inegáveis afinidades que aproximam este opúsculo do pensamento ético de Aristóteles, da prática retórica e mesmo do género cómico, mas acautelando sempre a ideia de que

Recensões

essa sobreposição de múltiplos registos diminua a originalidade poética da única obra, hoje conhecida, de Teofrasto.

A *Bibliografia*, criteriosamente seleccionada e actualizada, encontra-se repartida entre Edições e Traduções, e Estudos.

A *Tradução* de Maria de Fátima Silva distingue-se pelo rigor e pela mestria com que é respeitada a complexidade do original grego. A leitura resulta aprazível e estimulante. De notar, apenas, um certo desconforto resultante do modo como se inscreveu, no texto, a numeração das frases.

Por fim, as cento e oitenta e seis *Notas* que acompanham a tradução constituem uma valiosa ajuda para uma melhor compreensão do texto.

Agora, o leitor português pode usufruir de uma versão fidedigna e actualizada d'*Os Caracteres* de Teofrasto, numa edição extremamente cuidada e de boa qualidade gráfica.

MARIA FERNANDA BRASETE

ARISTÓTELES, *Retórica*. Prefácio e Introdução de Manuel Alexandre Júnior, tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse-Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: INCM, Estudos Gerais Série Universitária – Clássicos da Filosofia, 1998. 256 pp. ISBN 972-27-0909-7

Sendo ainda escasso o repertório de literatura clássica traduzida em português, em especial de obras não-literárias, de cariz teórico e técnico, vemo-lo finalmente enriquecido com um texto de grande importância: a *Retórica* de Aristóteles. Esta obra não foi a criadora de uma “das disciplinas humanas mais antigas e mais verdadeiramente internacionais” (p. 11), nem “o produto da mera idealização de princípios nascidos com ele e por ele convencioneados para persuadir outras pessoas”, mas “o produto da experiência consumada de hábeis oradores, a elaboração resultante da análise das suas estratégias, a codificação de preceitos nascidos da experiência com o objectivo de ajudar outros a exercitarem-se correctamente nas técnicas de persuasão”, nas palavras de Edward Corbett (citadas na p. 12). Ora, com a sistematização de Aristóteles, a retórica constituiu-se como imagem de marca da educação e da cultura antiga, podendo dizer-se que tanto o seu ensino e posteriores teorizações como a sua prática jamais de desviariam da matriz por ele proposta, antes a desenvolveriam num ou noutro ponto, mesmo que por vezes essa matriz ficasse como que ofuscada ou sepultada. Matriz que caldeia experiências anteriores (a oratória sem retórica, a prática do discurso – já habitual entre os heróis homéricos – antes do surgimento da respectiva metalinguagem, na Sicília do século V a.C., com Córax, Tísias e logo após